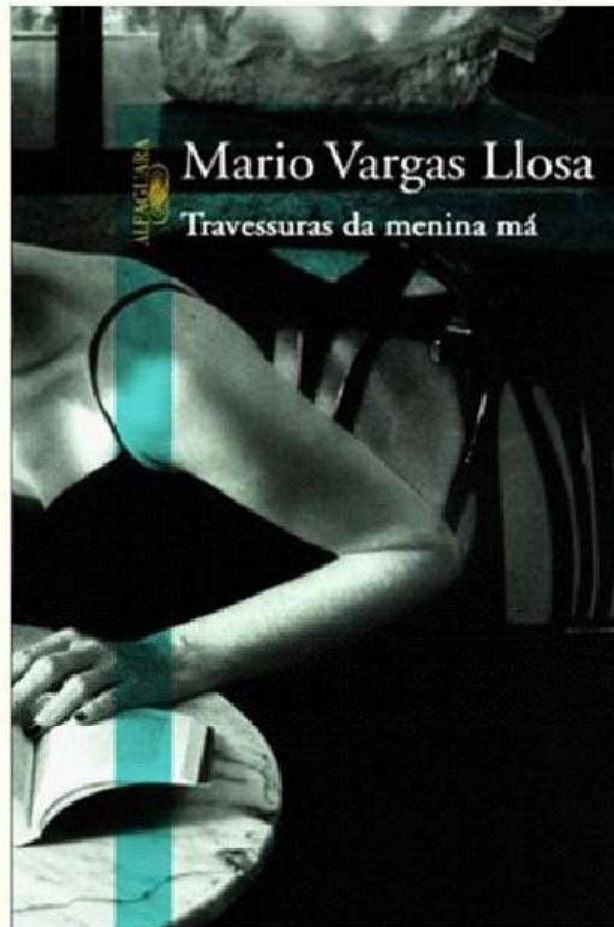


LLOSA, V. Mario. **Travessuras da menina má**. São Paulo Alfaguara, 2006

*Por Ivan Cavalcanti*



Uma leitura que me parecia despreziosa, afinal os livros da história e sua academia vinham me afastando de outras leituras nos últimos tempos. Numa informal ida a um sebo qualquer pergunto por um livro de história e o vendedor prontamente responde que não tem, mas que tem outros livros em promoção. Agradeço e dou um passo de partida, porém um encontro de olhares me faz ficar: *Travessuras da menina má*. Um romance que me chamou. Prontamente o comprei e logo mergulhei nessa obra me reencontrando com a leitura mais bonita e mais prazerosa.

Ao começar essa aventura lembrei que a leitura de alguns romances parecem de te abraçar, te dar as mãos e caminhar contigo por todo o enredo do livro. Não precisei ir a Paris revolucionária dos anos 60 ou a Londres dos anos 70 época da cultura hippie e do amor livre para senti-las; Llosa as trouxe pra mim de forma doce e gostosa através dos amores e desencontros de Ricardo e Lily. Chilenita, a personagem amada por anos e continentes, nos desperta, ao decorrer da obra, sentimentos confusos a todo instante: uma hora a amamos outra a odiamos. Numa história que começava no Peru, em um período de conflitos políticos e tantos proble-

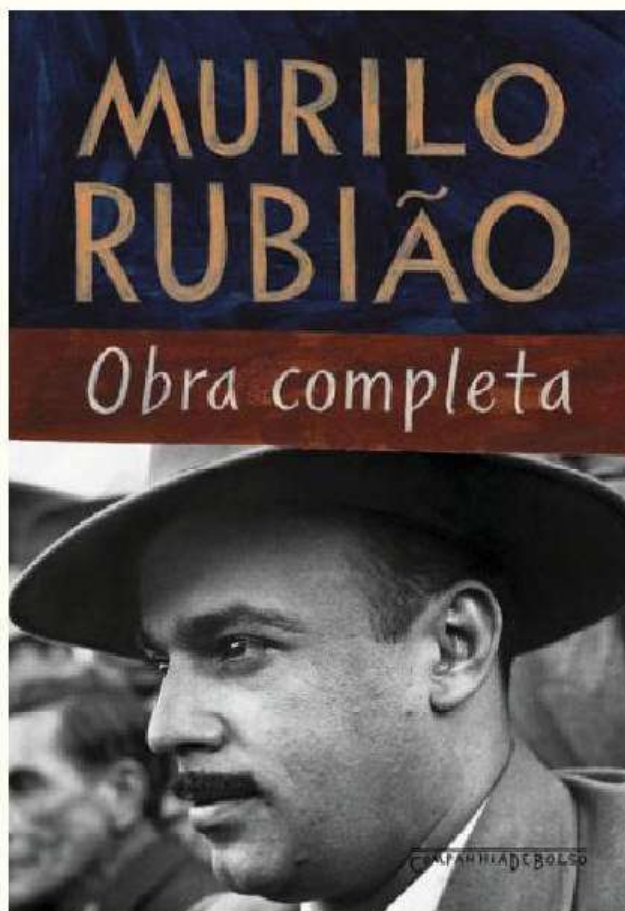
mas sociais, não imaginaria encontrar Ricardo, seu sonho de ser intérprete, de ir a Paris e a sua travessa amada, Lily. Caminhando no texto de Vargas seguimos sorrindo e chorando com Ricardo e suas esperas e procuras pela menina má. Desde as festinhas na infância às fugas da fase adulta; dos encontros na agitada Tóquio aos beijos nas pacatas cidades do interior da Europa; Nosso autor consegue, na medida em que impõe várias situações de distancia aos protagonistas, nos aproximar quase de maneira particular de cada um deles e, ao final por conhecer o universo interior de cada personagem, conseguimos nos encantar com as essências dos dois juntos. Esse romance, com descrições tão rebuscadas, cenas tão empolgantes e que se passa da infância à quase senilidade dos personagens, transcorre dentro de um século de revoluções, amores, encontros e muitas despedidas. Governos autoritários, ideologias que não conseguiram realizar revoluções e as novas condições de relações fazem parte do pano de fundo na nossa história. Esse caminho faz com que os personagens, assim como nosso tempo remoto, abracem os continentes, as línguas estrangeiras, as diversas formas de se apresentar um romance cosmopolita e ao mesmo o modelo do romântico exacerbado, que se torna a mais doce figura dessa obra. As travessuras enunciadas no livro já em seu título são os condutores do nosso romance. Através de tanta identificação e apreço penso se essas, muitas vezes, não seriam caminhos que poderíamos passar que gostaríamos de fazer, de simplesmente vivê-las. Um livro, uma obra, uma grande arte. Não seria tão lindo se a Chilenita fosse uma boa menina.

---

**IVAN CAVALCANTI** (PERNAMBUCO) Historiador. Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba. Formado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalha com Literatura, Música e Cinema na academia há cerca de 4 anos. Recentemente, trabalhou como pesquisador auxiliar no Livro *Sonhos Elétricos*, de autoria de Moraes Moreira. Estuda música brasileira nos anos 70 em seu projeto de Mestrado.

RUBIÃO Murilo. **Murilo Rubião - obra completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

*Por João Matias*



Neste brilhante coleção de bolso da Companhia das Letras, o leitor que ainda não teve contato com a obra completa deste ‘mineiro mágico da taberna fantástica’ poderá se deleitar com alguns dos melhores contos do realismo fantástico nacional. Gênero pouco considerado ao se falar de literatura brasileira, sabe-se hoje que mesmo autores consagrados, como Machado de Assis ou Lima Barreto renderam menções ao fantástico na América Latina. Murilo Rubião, entre eles, foi autor de obras conhecidas dentro do conto, estilo que o tornou conhecido, entre tantos raros no Brasil a praticar somente um estilo (e ainda mais o conto), com contos como “O pirotécnico Zacarias”, “O ex-mágico da Taberna Minhota”, “Teleco, o coelhinho”, “A Casa do Girassol Vermelho”, entre outros.

Não haveria homenagem mais apropriada. A literatura brasileira vive a época da retomada de gêneros clássicos, em sua eterna reconciliação com a literatura latinoamericana, a priorizar as formas mais experimentais e fantásticas em termos de estilo e narrativas. Os exemplos são muitos, no amplo celeiro da literatura contemporânea, porém ainda cultores de um estilo que imortalizou o gênero fantástico na terra de realismos exacerbados, engajados e renitentemente urbanos. Rubião, como poucos autores, possui um estilo único, com citações

bíblicas, personagens míticos, realidades consultadas em um dicionário sacro de expressões simbólicas. O leitor não se arrepende ao encontrar no conto “Botão-de-Rosa” um cristo vívido na imagem de um roqueiro hippie sacrificado por uma comunidade moralista; em “Teleco, o coelhinho”, a representação dos sacrifício como uma dádiva divina e do ser humano enquanto uma construção da própria religião.

É neste texto simbólico e expressivo que se fez, nas páginas desta coleção de bolso, o mais acessível possível, um escritor que se imortalizou em somente 28 contos. Não à toa, um dos melhores.